

A EPOPÉIA CALEIDOSCÓPICA DA MODERNIDADE PESSOANA: DE *ORPHEU A MENSAGEM*

The kaleidoscopic epic of Pessoa's modernity: from Orpheu to Mensagem

Eduardo José Paz Ferreira Barreto¹

RESUMO: Fernando Pessoa e seus companheiros, conhecidos como “A Geração de Orpheu”, inauguram o modernismo literário português a partir do lançamento da revista *Orpheu*, em 1915. Tal publicação, mesmo tendo durado apenas dois números (e um terceiro, ainda no prelo), ajudaria a tornar Pessoa o mais celebrado poeta de sua geração. No entanto, apesar de sua extensa obra, o único livro que publicou em vida foi *Mensagem*, em 1934, que lança uma nova perspectiva sobre os mitos e heróis de seu país. Este trabalho pretende examinar parte do projeto poético pessoano, no que concerne à construção de uma realidade poética que contemplasse, ao mesmo tempo, tanto o passado e desejos inerentes ao “ethos” de sua nação, quanto o nervosismo e imprevisibilidade da era moderna, que já se fazia sentir mesmo em Portugal.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa – Modernismo – Fernando Pessoa

ABSTRACT: Fernando Pessoa and his companions, known as “Orpheus’ Generation”, inaugurated Portuguese literary Modernism, by launching the magazine *Orpheu*, in 1915. This publishing, even though it lasted only two issues (and a third, never published), would help Pessoa to become the most celebrated poet in his generation. Even then, despite his extensive body of literary work, his only published book in life was *Mensagem*, in 1934, which shows his country’s myths and heroes in a new perspective. This study intends to examine the part of Pessoa’s poetic project concerning the building of a poetic reality contemplating, at the same time, his nation’s past and wishes, and the nervousness and unpredictability of modern times that were felt even in Portugal, at the time.

Keywords: Portuguese Literature – Modernism – Fernando Pessoa

1. INTRODUÇÃO

“*Mensagem*” foi o único livro publicado em vida por Fernando Pessoa. Não se trata de um livro extenso. Mesmo contendo apenas uma poesia por página, não foi capaz de alcançar o limite mínimo de 100 páginas, imposto pela organização do concurso onde Pessoa inscreveu-o, fazendo com que seu autor lograsse apenas alcançar uma espécie de prêmio de consolação, ao invés do almejado primeiro lugar.

¹ Doutor em Letras (PUC-RJ). Professor da UNIABEU. Rio de Janeiro, Brasil. profedubarreto@gmail.com

Sabemos, porém, que extensão e qualidade nem sempre caminham lado-a-lado. Nos anos que se seguiram à sua publicação, a real dimensão da importância de *Mensagem* foi sendo reconhecida, à medida que também recrudescia o renome de seu criador. Público e crítica aclamaram Pessoa como sendo um dos grandes poetas da literatura universal, talvez o maior a versejar em português, em todo o século XX. *Mensagem*, por sua vez, ganhou fama como sendo a concretização de um projeto que Fernando Pessoa perseguiu (e que, por sua vez, talvez o tenha perseguido com ainda maior afinco) por toda a sua vida.

Partindo de um poeta de numerosos projetos – conhecidos ou ocultados – e de obstinada perseguição do sentido dos símbolos não só poéticos e, ainda, dos meandros históricos e míticos da Pátria, tal alegação pode não passar de mais um disfarce do criador dos heterônimos. Com efeito, mais que fruto de um projeto, **Mensagem** é o resultado do desafio de uma vida inteira de poeta. Afinal, desde 1913, com a publicação do poema “D. Fernando Infante de Portugal”, sob o título de “Gládio”, até o ano de sua morte (1935), Pessoa esteve debruçado sobre o projeto de refletir poeticamente sobre a trajetória histórica da Pátria e de ser o arauto da sua messiânica ressurgência, mítico-poética que seja. (QUESADO, 1999, p. 13)

Este artigo pretende convidar à reflexão a respeito da configuração de Fernando Pessoa como artista em consonância com as aspirações não só poéticas, mas da humanidade sua contemporânea, principalmente o homem que (sobre) vive no ambiente moderno por excelência: a grande cidade do século XX. Isto feito, inferiremos como a trajetória poética iniciada em 1915, com a publicação do primeiro número da revista *Orpheu*, que inauguraria o Modernismo português, desembocaria em *Mensagem*. Este, publicado já no final da sua vida/carreira, livro pequeno em extensão, mas vasto em qualidade, se integra no “tom” da modernidade da obra pessoana, apesar de povoado por naus, reis, rainhas e mostrengos de antigamente.

2. ORPHEU: CANTO DE ABERTURA

No final do século XIX, mais especificamente no ano de 1890, um fato abalou Portugal, política, moral e culturalmente. A Inglaterra requer larga porção de terras das possessões portuguesas restantes em África, de modo a melhor unir as suas próprias, podendo ter um caminho terrestre em linha reta até a África do Sul. Os britânicos poderiam, assim, transportar mantimentos, tropas e quaisquer outras necessidades através daquela parte então remota do mundo eurocêntrico. Infelizmente as colônias portuguesas estavam no caminho a atravancar o plano e, conseqüentemente, o progresso, do poderoso leão inglês. Há protestos, é claro, pois aquelas terras pertenciam historicamente a Portugal desde há muito. Este fato até

hoje sobrevive em infâmia nos compêndios de história, sob o nome exato daquilo que foi: o *Ultimatum*. Demonstração da antiquíssima técnica de se “fazer política com a ponta da espada” que, não muito depois, haveria de mergulhar o mundo em duas hecatombes bélicas de nível mundial. Já então, os potentados europeus afiavam suas garras.

A disparidade de forças é incomensurável, mesmo com apenas um navio inglês deslocado para fazer cumprir a ameaça. A resposta portuguesa foi a capitulação imediata, sem que um tiro fosse disparado. Talvez isso tenha tornado todo o episódio ainda mais melancólico. Afinal, Os lusos sempre foram ciosos de seu orgulho, em grande parte calcado nos feitos guerreiros dos seus antepassados medievais e renascentistas. Uma derrota, para um povo assim, é muito mais dolorosa se nem um tiro é disparado, nenhuma espada desembainhada.

Para os que viveram e/ou documentaram aquela época, foi como se um sonho mau se tornasse realidade, espalhando os piores fantasmas guardados na caixa de Pandora do inconsciente coletivo português. Pior ainda, foi como se todos se dessem conta de que viviam uma catatonia, causada por um enorme desejo de negação do que acontecia ao redor. Em qualquer um dos casos, o mundo batera à porta de Portugal brandindo uma vilanesca ordem para que desocupasse uma casa que, há muito, julgava sua. Caíra por terra qualquer última, saudosa e infundada esperança de restauração ou manutenção do que já fora o grande império ultramarino português. Eduardo Lourenço desenvolve essa idéia com muita propriedade em seu *Labirinto da Saudade*:

A tentativa de recriar uma alma “à século XVI” não foi longe: um excesso de lógica nas suas ambições, legítimas mas incômodas, ministraria ao mundo europeu a prova absoluta da nossa absoluta subalternidade. O *Ultimatum* não foi apenas uma peripécia particularmente escandalosa das contradições do imperialismo europeu, foi o traumatismo-resumo de um século de existência nacional traumatizada.

(LOURENÇO, 1991, p. 25)

Abalado, sucessivamente, pelo ímpeto crítico e reformador da “Geração de 70” e pelo trauma provocado pelo *Ultimatum*, o país reagiu dando gênese a uma onda de misticismo nacionalista, como se tentasse curar os malefícios a partir do escapismo ou, de forma similar ao doente psiquiátrico que sofreu um trauma profundo e, absorvido em seu próprio interior, completamente fixado em si próprio.

Esse traumático processo duraria até o início do século XIX e desembocaria, em sua maior expressão artística, no Saudosismo, cujo órgão de divulgação era a revista “Águia”.

Fernando Pessoa chegou a participar do movimento saudosista e de sua publicação “oficial”, embora sem ser, exatamente, um membro ortodoxo. Apesar disso, sua prosa ensaística já era cheia do hermetismo que lhe era peculiar, “dando do saudosismo uma versão extremista e provocatória, e rompendo as últimas amarras que o poderiam, dubiamente, prender ao senso comum do tempo.” (SARAIVA, 1996, p. 549). Era 1912, e os futuros membros da “Geração de *Orpheu*” começavam a encontrar-se nos bares de Lisboa, e a planejar aquela que seria, talvez, a mais seminal das aventuras literárias lusófonas até então.

Três anos depois surgiria *Orpheu*, que, no melhor estilo dos cometas, passaria pelo firmamento português como um evento breve mas espetacular, com núcleo subdividido, fato que sucede tanto aos astros fugidios quanto aos mais radicais poetas modernos, cabeleira coriscando pela noite portuguesa. Diferente dos cometas, porém, (ou igual, se levarmos em conta as crenças antigas segundo as quais os cometas eram arautos de mortes, tragédias ou eventos importantes) a importância de *Orpheu* se tornaria muito maior que os dois números publicados e o terceiro abortado já no prelo. Além disso, os cometas são bólidos que viajam pelo espaço em órbitas extensas, mas acabam por voltar ao mesmo ponto após um certo intervalo. *Orpheu* foi um fato único. Em suas páginas se realiza, verdadeiramente, a modernidade da literatura portuguesa em sua total plenitude.

“[...]os modernistas da Geração Orpheu, [...] ajudaram o modernismo a chegar de vez na literatura portuguesa. Um dos pontos que mais me chamou a atenção, e que por certo se remete ao título, foi esse atropelo repentino sentido por Portugal, com a modernidade chegando pelas fronteiras, dançando nos trilhos dos trens, mostrando-se nas roupas e costumes e contagiando a literatura.” (NOVELLO, 2008, p. 01)

Tentemos entender, em poucas palavras, como a geração de *Orpheu* conseguiu empreender uma reformulação maior do que a dos estereótipos líricos e épicos, realizando algo que implicava toda a cultura portuguesa, no sentido de que redimensionava uma mentalidade, ou um estilo de pensamento.

Na melhor tradição moderna de Baudelaire, derrubaram os mitos culturais herdados do passado, dessacralizaram os modelos conceituais recebidos de uma tradição milenar e, finalmente, atacaram a realidade como era vista, abalando irremediavelmente seu centro de gravidade. Qual Nietzsche, declaram a morte de Deus, removendo-o apenas para anunciar a entronização de um outro: a Poesia.

A *blague*, o fingimento, a mistificação, a construção incessante de novos “-ismos”, tudo são maneiras de assaltar o âmago da consciência narcotizada de Portugal e trazê-la para

ver os malabaristas, palhaços, poetas e loucos desfilando com suas almas pregadas em estandarte para o povo ver. Uma verdadeira parada, tendo como objetivo saudar o novo deus. Nesse novo paradigma poderá existir o quinto império, e a reparação de todas as humilhações sofridas. Num cenário onde a poesia vale mais do que a realidade, o exorcismo praticado por Álvaro de Campos no *Ultimatum* é mais real e válido que o encouraçado inglês, de armas à vista, a mirar alvos da terra pátria. As possibilidades se multiplicam. Os caminhos, como os entroncamentos de uma cidade moderna subitamente inventada, são muitos e é preciso escolher um deles. Abordar as questões de uma forma ou outra. Ser o início ou o fim.

A dialéctica incomum de Pessoa revela-o oscilante e confundido ante a necessidade de testemunhar por idéias e formas que de todos os lados requeriam lugar e voz. Divide-se, multiplica-se, duvida dos seus panfletos de génio, abandona os amigos, incapaz de distinguir neles e talvez em si mesmo a loucura e o exibicionismo das suas atitudes; mas finalmente, quando chega a hora, ele está presente, é a grande, visível e invisível presença desse *Orpheu*, onde se apresentará já, “tal como a Eternidade enfim o mudará”, jogando o seu duplo jogo da seriedade formal de Fernando Pessoa e o da fantasia absoluta de Álvaro de Campos. Ele bem pressentia que *Orpheu* era a ponte por onde a sua Alma passaria para o Futuro. Aí entrou com os amigos, imensamente sério sob o *maillot* de Arlequim que Almada-Negreiros, perseguindo um sonho que vinha de longe, irá pintar em breve, como emblema, brasão e signo de uma geração inteira. (Lourenço, 1991, p. 56)

Orpheu se torna a Vanguarda *ipsis literis*, a evolução que só se previa possível reduzindo seu conceito ao absurdo, já que Portugal, em pleno século XX, ainda se mantinha voltado para o Atlântico e para o passado, a mirar o desconhecido e imaginar tempos já idos ou sonhados. A Europa é forma vaga, contornos imprecisos, misto de medo, desejo, inveja e saudade. Para Fernando Pessoa, os portugueses se esqueceram de que seu país, efetivamente, faz parte da Europa, e não conseguiam enxergar uma coisa e outra ao mesmo tempo. Só viam o quintal ou o que está fora dele. Nunca o conjunto.

Quando, nas primeiras décadas do século XIX, Portugal, pela pena dos primeiros representantes de um *novo Portugal* – saído da revolução liberal-, faz o balanço da sua situação no mundo, isto é, na Europa, e, ao mesmo tempo, se volta para o passado para saber se ainda terá futuro, fá-lo já como se não fosse Europa, ou então como se fosse uma outra espécie de Europa. (LOURENÇO, 2012, p. 17)

Daí o duplo propósito de uma obra poética: ser uma ferramenta capaz de recriar a realidade mistificada e mistificadora a um só tempo, e um elemento capaz de romper a lei da inércia, que mantém as coisas imóveis. A partir do poder da poesia, tem-se a demolição dos

mitos antigos, o alçamento da nova realidade à condição divina sob a forma de poesia. Finalmente, o susto pela infâmia, ridículo ou pura surpresa, para que os olhos se abram, no fechamento de todo o processo. Ao fazê-lo, essa geração provavelmente materializava um velho sonho dos seus antepassados: colocar a cultura portuguesa em dia com a européia, após uma ausência de mais de trezentos anos.

3. MENSAGEM: POESIA E REALIDADE

A poesia perde aos poucos, nesse processo, a sua antiga condição de testemunho para pretender ser ela mesma um universo original e palpável, a própria realidade criada pelo poeta. A concretização desse fato está em *Mensagem*, onde há uma reconstrução da história portuguesa tendo como ponto de partida o ser mítico que origina e guia a pátria e seu povo, durante seus infindáveis séculos de história. A poesia recria a história através do caleidoscópico ponto de vista da épica moderna, que é a utilizada por Fernando Pessoa, transformando personagens históricos em símbolos, e os próprios símbolos heráldicos, em símbolos de “outra coisa ainda”. *Mensagem* não é *Os Lusíadas* reescrito centenas de anos depois. Seu assunto também é uma viagem embora, como demonstra o professor Clécio Quesado, partida, itinerário e destino sejam bastante diferentes daqueles engendrados por Camões, em sua obra.

A história do mar que aparece na segunda parte da **Mensagem** não é o relato da aventura pelo mar que Portugal conquistou e cuja trajetória, n’*Os Lusíadas*, torna-se dimensão real que receberá a aderência mítica. O poeta-narrador parte, ao contrário, de um mar-arquétipo, ou seja, de uma dimensão mítica de mar, produção subjetiva de sua condição de instância lírica. E sobre ele constrói uma nova dimensão de realidade, versão personalíssima da verdadeira Histórica e também daquela mitificada por Camões. [...] O relato da história do mar aqui realizado parte, pois, de uma formulação mítica, em princípio vazia, que é preenchida por uma versão – pessoana – dela. (QUESADO, 1999, p. 26-27)

Se Fernando Pessoa considerava seu advento enquanto poeta, como a chegada do poeta “Supra-Camões”, anunciado por si próprio, talvez considerasse *Mensagem* como seu “Supra-Lusíadas”. Não diremos que Pessoa foi além de Camões em sua obra. Ambas são duas grandes realizações literárias, cada uma condizente com o seu próprio tempo, ambas precursoras de algo novo. Enquanto Camões dará novos rumos à Épica de cunho homérico, na interação entre seus planos narrativos, e na “intromissão” da lírica em diversas passagens, Fernando Pessoa fundirá os dois gêneros e criará *Mensagem* através do fio narrativo mítico-

emocional, ao invés do cronológico. O personagem principal não é um grande herói, ou um acontecimento em particular, mas tudo o que a fantástica trajetória portuguesa, de seu princípio mítico através de Ulisses, passando pela consolidação do país, conquista do mar, declínio com a morte de D. Sebastião e a espera que se seguiria a partir daí evoca em todos nós. Vejamos a seguinte citação, de Eduardo Lourenço:

A Poesia converter-se-á <...> não em uma das maneiras de o homem entrar em contacto com a sua realidade profunda, mas única autêntica. O que Pascal dizia de Deus, que nada senão Deus podia encher a sua alma, um homem como Mallarmé o pensava da Poesia. “Rien n’existe que pour aboutir à un livre”. É a apologia suprema do homem como literatura. Não admira por isso que a angústia do poeta moderno seja bem diferente da da antiga poesia. O poeta antigo podia angustiar-se, em sentido subjetivo, por não ser Homero ou Dante, cantores deste ou daquele deus e angustiar-se ainda por não se sentir à altura de cantar outro deus por ele entrevisto. Cautelosa e humildemente não se envergonhava de avançar no seu inferno pela mão de um Virgílio, mesmo se era um Dante. O poeta moderno recusa todos os guias. Um universo comum não existe na poesia moderna. Cada homem está só num universo que poderá ser o de todos, mas no fim do percurso, talvez, não no princípio. A sua angústia é a de falhar-se deus, falhando a poesia.

Esta nos parece ser a metamorfose de Orfeu, desde Homero a Mallarmé. Sá-Carneiro e Pessoa nasceram já para cá desse crepúsculo ou dessa nova manhã, vítimas e estrelas dum mundo fulminado. O seu mundo é bem um mundo de ruínas, ruínas ameaçando ruína, em tempos evocado por Paul Valéry. (LOURENÇO, 1974, p. 125)

Corroborando o que já dissemos anteriormente, as questões e problemas enfrentados pelos poetas modernos são tão diferentes dos de antanho, que a estrutura fragmentária da *Mensagem*, por exemplo, está de acordo com a vida e obra do poeta que a criou, além do “espírito” do tempo onde foi criada.

Se a épica Camoniana, ao imiscuir em si o lirismo, divorciou-se dos padrões clássicos, reverberava os contrastes e aspirações renascentistas, avivando, para sua época, as epopeias da Antiguidade. Da mesma forma, a natureza faccionada de *Mensagem* traz os ecos de séculos, feitos e lembranças para a esfera da modernidade, em um casamento que se afigura atemporal.

4. CONCLUSÃO

Entender o conceito de um povo que se acredita “assinalado” para grandes feitos é condição indispensável para o estudo de qualquer época da literatura portuguesa. Desde o “milagre”, em Ourique, passando pela vitória do Mestre de Avis e do Condestável em Aljubarrota e, finalmente, pela expansão marítima que culminou em um Império de extensão

intercontinental, os portugueses construíram dentro de si a certeza da posição central de seu país na determinação dos desígnios do mundo.

Mais do que a derrota de Dom Sebastião em Alcácer-Quibir (não obstante o traumático legado da malfadada campanha militar), um longo processo político, econômico e religioso fez com que Portugal se tornasse apenas mais uma nação periférica, sua importância geopolítica apequenando-se ao nível de suas exíguas dimensões geográficas e populacionais. O estudo de tal processo, no entanto, cabe a estudiosos que se debrucem sobre detalhes e documentos do mundo concreto, examinando os pormenores das desditas dos povos e seus príncipes.

Sendo poeta, Fernando Pessoa age no domínio do mito, o “nada que é tudo” (PESSOA, 2001, p. 23), como disse em *Mensagem*, ao definir Ulisses. Na obra citada, como vimos, o caso português é abordado através de sua dimensão mítica, em uma viagem que, se não segue pelo mesmo curso, é ao menos inspirada em seu tema pelos heroicos decassílabos da épica camoniana. Não é à toa que *Mensagem* se inicia com a citação latina “*benedictus dominus deus noster qui dedit nobis signum*” (PESSOA, 2001, p. 23), onde o “sinal dado por Deus” pode ser facilmente entendido como um eco das “armas e barões assinalados” de antanho.

Entre as obras de Pessoa, *Mensagem* goza de condição especial, tanto pela sua simbologia complexa quanto pelos sentimentos que evoca. O Império perdido só pode ser revivido através das ideias. Ao mesmo tempo, o olhar para o passado não impede a visão de modernidade pessoana e dos outros membros da “Geração de Orpheu”. Impérios e homens já não são os mesmos. Não podem sê-los.

Síntese da fragmentação e urgência modernos, num sentido universal, e da necessidade, eminentemente portuguesa, de visitar e, de certa forma, “reviver” questões relativas à sua História, *Mensagem* se configura em uma obra capaz de unir os feitos pretéritos com as aspirações do presente através de um projeto poético que teve início quase duas décadas antes, quando da publicação do primeiro número de *Orpheu*.

Impossível pensar sobre Portugal sem evocar a saudade tanto do que foi, quanto do que poderia ter sido. Pessoa, em seu livro, deixa entrever algo escondido entre a bruma do passado e a do desejo: terra, povo, (in)consciência e (in)constância. Como disse em um dos poemas do ortônimo, “essa coisa é que é linda”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.

_____. “<<Orfeu>> ou a Poesia como Realidade” In: _____. *Tempo e Poesia*. Coleção Civilização Portuguesa, Porto: Inova, 1974.

_____. *Pessoa Revisitado*. Porto: Inova, 1973.

_____. *Portugal como Destino, seguido de Mitologia da Saudade* – 5ª ed. Lisboa: Gradiva, 2012.

NOVELLO, Eric. *Tirantias da Modernidade, de Izabel Margato*. Disponível em: <http://aguarras.com.br/2008/09/28/tirantias-da-modernidade-de-izabel-margato/>. Acesso em: 13/03/2011.

OLIVEIRA, André Luiz. “Mensagem, uma comunhão de pessoas”. In. *Mensagem de Fernando Pessoa* (CD áudio). Cia de Áudio []. 1996.

PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.

_____. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

_____. *Mensagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUESADO, Clécio. *Labirintos de um Livro à Beira-Mágoa (Mensagem de Fernando Pessoa)*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SARAIVA, António José & LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1996.

Recebido em 18 de março de 2012.

Aceito em 04 de julho de 2012.